

A OUTRA MARGEM: A TRAVESSIA DAS MULHERES RIBEIRINHAS NA (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO A PARTIR DE PROJETOS LÓCIAS DE ALFABETIZAÇÃO

Crizeide Miranda Freire
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

INTRODUÇÃO

O texto tece reflexões acerca do processo de alfabetização de mulheres ribeirinhas da cidade de Xique-Xique-BA, na busca por sua inserção no universo das letras, o que contribuirá para o desenvolvimento sociocultural da região, fazendo eco na (re)construção identitária cultural e de gênero.

Os programas de alfabetização disponibilizados a estas mulheres foram variados e com interrupções, embora estivessem imbuídos na tentativa de sanar os problemas indicados nas estatísticas que demarcam um alto índice de analfabetismo brasileiro. Em virtude dessas entradas e saídas nos programas, sem uma continuidade, acabam contribuindo para o processo de exclusão social que, em qualquer que seja sua vertente, sociocultural ou educacional, é nefasto, segregando o grupo e contribuindo para que muitos jovens e adultos sintam-se, em determinadas situações, inferiores e isolados de alguns espaços públicos, temendo, inclusive, humilhações em decorrência de sua condição de analfabeto.

Nas discussões que seguem, apontaremos as mudanças conseguidas por estas mulheres através de sua entrada na escola. Ocupando espaços diferentes na comunidade e demarcando um outro percurso, seguem à outra margem na (re)construção da identidade de gênero, através do processo de alfabetização.

1 MUDANDO O PERCURSO DA HISTÓRIA: A NAVEGAÇÃO POR OUTROS PORTOS

Historicamente, como destaca Rocha-Coutinho (1994), a educação recebida por homens e mulheres sempre foi diferenciada, demarcando papéis socialmente distintos e com a função de formar a personalidade do indivíduo: da figura masculina, esperava-se comportamento mais agressivo, racional; enquanto da feminina, os anseios eram por atitudes mais dóceis, submissas, justificando-se tal tratamento às mulheres, por acreditarem estar dando a elas a formação adequada às futuras mães.

Fagundes (2005) ratifica esta ideia quando sinaliza que, com o surgimento das escolas públicas primárias, a educação formal, inicialmente, era exclusiva aos meninos, para as meninas fora adiando esse direito por um longo tempo.

Seja em relação ao gênero, etnia, classe social ou religião, são muitos os fatores que promovem a exclusão sociocultural do indivíduo. No entanto, a escola enquanto espaço sociocultural, deve contribuir nas transformações individuais e coletivas do sujeito, levando-o a uma mobilidade contínua no processo de (re)construção identitária.

Na tentativa de ocupar um espaço efetivo na sociedade, desde o século XV, começou-se a lutar em busca do acesso à ciência para as mulheres, possibilitando-lhe o estudo, o acesso efetivo ao espaço educacional. No século XVIII, este propósito tornou-se mais intenso, tendo em uma das defesas a esse direito, a justificativa de que o ser humano era constituído pelos dois sexos, tendo os dois direito à educação; a colocação da mulher em posição inferior ao homem era uma questão cultural, não aspecto da “natureza humana”, como era compreendido anteriormente, sendo assim, a exclusão não poderia persistir.

No Brasil, o acesso à educação para homens e mulheres iniciou-se com a chegada dos jesuítas, mas era reduzida ao aprendizado das prendas domésticas e não deveria envolver atividades de raciocínio lógico. Aos poucos, surgem algumas instituições para mulheres, muitas com métodos confusos devido à falta de professores e pouca capacitação. Nasceram em função disso as Escolas Normais especializada na formação de professores.

O processo de educação só se intensificou no século XX, assim como sua inclusão no mundo do trabalho. Além do trabalho doméstico, as outras

atividades eram relacionadas às profissões ligadas ao gênero (vistas como vocação – relação mãe/filho – ou de pouco esforço) e de baixa remuneração.

Com o Feminismo, as discussões sobre a discriminação contra a mulher se intensificaram, a inserção das mulheres de classes menos abastadas no aprendizado da leitura foi uma das conquistas, provocando mudanças em suas condições de vida e fortalecendo a ideia que a educação atua como um fator de mudança social e política, colaborando na equidade entre os gêneros.

Sabemos que a produção de saberes e sua legitimação é significativa na modernidade, levando a desconstrução e não legitimação da ciência para que ela se torne legítima, o mesmo deve ser feito com o discurso sobre a mulher. É preciso hoje dar mais visibilidade a posição da mulher na sociedade, sua contribuição efetiva no crescimento social, econômico, político e cultural da nação.

Em meio às mudanças neste cenário, políticas públicas surgem na tentativa de reduzir ou mesmo erradicar a discriminação contras as mulheres. Dentre essas políticas, estão os programas de alfabetização implementados, sendo elas um dos grandes alvos. Enquanto habitantes do “líquido mundo moderno”(BAUMAN, 2003), o espaço conquistado, é um, dentre tantos outros a serem alcançados.

1.1 Nas águas do Velho Chico, as ribeirinhas buscam a outra margem

As mulheres ribeirinhas, sobre as quais estamos discutindo neste trabalho, tiveram parte de suas vidas entre a cidade e as ilhas¹ que margeiam o Velho Chico. Envolvidas na atividade pesqueira tiveram pouca oportunidade de frequentar à escola, o que contribuiu, para que estivessem à margem do processo educacional e em determinados espaços na sociedade. Outra dificuldade promovida pelo distanciamento entre sede e ilhas está o acesso a diferentes tipos de trabalho (acabam tendo poucas opções de emprego).

Ocupando a função de doméstica, a maioria das mulheres ribeirinhas cuida da casa e dos filhos. Algumas atuam também como tecedoras de rede,

¹ Xique-Xique é uma cidade situada a 585 km² da capital do estado, Salvador, e tem 43 ilhas, em sua maioria habitadas, tendo, no período de cheia do rio, a migração da população de uma ilha para outra.

artesãs, trabalham com modelagem de barro. Seja uma das funções tratadas ou durante a pesca, puxando rede, limpando, essas mulheres ajudam seus companheiros como podem para complementar a renda familiar.

Nesta labuta diária, seguem suas vidas na tentativa de dias melhores, buscando (re)construir suas identidades e transformando a leitura que fazem do mundo em uma leitura ainda mais significativa, indo além da decodificação do sistema alfabético, gerando a partir deste novo olhar uma nova interpretação da realidade, o que lhes permite agir de forma crítica.

Fora do espaço escolar, por muito tempo, as mulheres ribeirinhas apóiam-se nos programas de alfabetização oferecidos na cidade para iniciar ou reiniciar seu contato com a escola, oportunidade esta tolhida durante sua infância, pela necessidade de trabalhar, pela distancia, reforçando por muito tempo o processo de dominação masculina, validado por muito tempo nessa sociedade falocêntrica.

O ingresso de muitas mulheres na escola foi possível em virtude das políticas públicas desenvolvidas contra o analfabetismo, oferecendo programas de alfabetização temporários nas várias localidades do país. A região ribeirinha do Velho Chico participa dessa iniciativa, buscando levar para as salas de aula o maior número de sujeitos, possibilitando a estes, neste caso as mulheres, redescobrirem-se através do contato direto com a leitura e a escrita, tornando possível que o seu percurso seja revisto mediante os novos conhecimentos adquiridos.

O propósito inicial de muitas mulheres, ao adentrarem a escola, é efetivar a oportunidade de “assinar o nome”, como muitas descrevem. Envolvidas com o grupo, percebem que o conhecimento vai além desta codificação, que as informações que são adquiridas, vão, pouco a pouco, tendo novos significados em suas vidas. Ao sentirem-se à vontade, como partícipes deste processo, ao encontrar um ambiente agradável e descontraído, ficam mais soltos, integrantes deste novo universo e vivenciam mais este espaço escolar.

Para muitas mulheres que participaram do processo alfabetização, as mudanças ocorreram em escolas diferentes: de simples donas de casa, hoje são convidadas a ocupar como membros de associações, resolvem os

problemas administrativos e financeiros da casa, além de sentirem-se pessoas mais capazes para ocupar espaços antes não vividos.

Diariamente eram fortalecidas com o entusiasmo e determinação dos que já compreendiam que aquele era o caminho, que era preciso segurar o leme, içar as velas e deixar o barco seguir seu curso, atentas à formação das tempestades e buscando enfrentá-las com serenidade para que pudessem prosseguir a viagem e logo jogar a âncora ao fim de cada etapa e a levantarem para começo de uma nova etapa.

Nos depoimentos que seguem abaixo, teremos a oportunidade de compreender um pouco dos momentos vividos por estas mulheres e como esta nova condição, a de aprendiz, impactou suas vidas, mudou seus trajetos.

2 A NARRATIVA DE UM NOVO MOMENTO DE VIDA: MULHER LEITURA

As mudanças ocorridas na modernidade geram alterações no comportamento, na maneira de pensar e de agir dos sujeitos, em relação aos aspectos econômicos, políticos, sociais, culturais e também tecnológicos. A partir destas modificações, surge uma diversidade de estilos e formas de ser, sem moldes, quebrando regras estereotipadas, dando lugar a uma nova “(des)organização” social.

As transformações são simultâneas, em milésimos de segundos conceitos são quebrados, paradigmas rompidos, dando espaço a um novo cenário que se forma sem esquadrinhamentos ou verdades absolutas, tornando grupos antes marginais visíveis e atuantes na sociedade da informação.

Fundamentos tradicionais e sólidos entram no caos, “tudo que é sólido desmancha no ar”², tudo que é sagrado é profano, as relações fixas ruem-se, diluem-se. Emergem assim, nesse espaço globalizado novos discursos: étnicos, raciais, a busca de compreensão da classe social, de gênero, de sexo, de idade, em fim, os grupos locais atravessam os mares, tornam-se presentes na esfera nacional, global, ocupam devidamente o paisagem no mundo multicultural.

² Expressão dita por Marx e Engels no Manifesto Comunista.

Acompanhando as mudanças socioculturais, econômicas e políticas, o sujeito carece de atualização constante. A tecnologia aponta outras formas de utilização da escrita e a diversidade de gêneros textuais que circulam socialmente nos fazem ler o mundo de forma caleidoscópica. No entanto, alguns sujeitos não tiveram acesso aos bens produzidos, reincidindo na necessidade de mudanças de valores frente à realidade e envolvimento direto na busca de novos conhecimentos e informações.

Desta forma, repensar a função e o acesso da leitura e da escrita no mundo cibernético é condição indispensável para transitar numa sociedade em que essas práticas são mediadoras dos bens produzidos - saúde, educação, transporte -, embora não garantam o acesso a estes, sendo uma luta constante pela equidade dos direitos no sentido de evitar a segregação social.

Ao adentrar na escola, para buscar uma mudança na sua condição de analfabeta, a mulher ribeirinha destaca a leitura e a escrita como bens que promovem empoderamento ao sujeito. Em uma zona de maior confortabilidade, toma a leitura enquanto plural, passível de muitas interpretações, capaz de lhe nortear caminhos em favor de novos conhecimentos.

As narrativas das mulheres ribeirinhas a seguir nos mostram a diversidade existente no encontro com a leitura e a escrita, bem como pontos comuns. Destaco, neste trabalho, alguns recortes da trajetória de leitura de D. Anita, que se envolveu nos variados programas oferecidos pelo governo e, antes mesmo de concluir o primeiro grau, encontrava-se como professora; de D. Enóia, que só frequentou a escola depois de adulta; e de D. Maria, que tendo sido destaque em sua sala de aula, foi convidada a ocupar um cargo em uma Associação, após participação no programa Saberes das águas, criado para alfabetizar pescadores.

D. Anita (57 anos): A história da minha vida foi muito, muito complicada em termos de começar o estudo, foi o seguinte: Eu morava na zona rural e era muito difícil para eu chegar até a escola, o primeiro professor que eu tive na minha vida foi pago por minha mãe. Ela pagou para ele, eu já tinha 09 anos, aprendi as primeiras letras do ABC, somente as primeiras letras, ai parei de estudar por muito tempo. Nós mudamos para Ilha do Paulista, daí eu ficava da ilha para Xique-Xique durante um mês, aí eu passei para a cartilha. Depois parei também.

Voltei a estudar com 12 ou 13 anos, casei muito nova, depois parei de estudar. Depois eu tive em outra escolinha e outra professora, foi quando começou o MOBRAL, daí eu cheguei a 4ª série. Mas aquela 4ª série, assim, uma semana tinha e a outra não tinha. A professora foi embora daí, eu fiquei com essa escola do MOBRAL, sendo a professora, daí ela acabou. Continuei ensinando, mas só voltei a estudar em 2000, para continuar como professora.

Sra. Enóia (50 anos): Eu comecei ir pra escola já depois que meus meninos cresceram mais, porque eles não tinham como.. aí quando eles cresceram mais eu ia e levava ela (aponta para uma das filhas) que era mais pequena. [...] Qual é mulher, quem vive na roça, nos cafundó do Juda, lá que não tinha uma escola, era muito menino, não dava pra botar, colocar pra fora porque não tinha condições. A gente já foi na escola depois de grande

A dificuldade para estudar ocorreu muito cedo, a escolarização foi paga para que pudessem frequentar a escola, um dos motivos que contribuiu para sua não continuidade. Essas jovens e adultas, depois de muito tempo retomam a vida acadêmica, embora no caso de D. Enóia seja sua entrada efetiva, esse momento representa mudanças efetivas em suas vidas. O reconhecimento de serem consideradas pessoas alfabetizadas é uma forma de deixar de ser excluída pela sua condição, e capacitá-las a exercer seus direitos com mais dignidade e respeito.

Inicialmente, o objetivo maior é aprender a ler e escrever seu nome completo, decodificar pequenas palavras, mas aos poucos é percebido que a leitura proporciona muito mais que isso e que seus conhecimentos e habilidades podem ser aprimorados na efetivação das práticas sociais. Segundo Kleiman (1995):

O ensino da escrita na escola é orientado por uma concepção dominante de letramento (...). Práticas de letramento seriam, deste modo, práticas sociais marcadas culturalmente, nas quais a leitura e a escrita se constituem como formas de construir “conceitos, relações sociais, identidades, valores e crenças (p.217).

A alfabetização por se só não garante o uso efetivo dessas práticas, é preciso ir além da decodificação do código alfabético e numérico, que é apenas o início do processo, pois não basta aprender a ler e a escrever, é preciso adquirir a competência, envolvendo-se em suas práticas no espaço social.

Assim, a leitura não deve ser entendida como produto que está pronto e acabado, passível apenas de um olhar interpretativo. A leitura deve ser vista como um processo que se constitui plásticamente volátil, pois o texto, que é apresentado ao sujeito de diferentes formas “não traz tudo pronto para o leitor receber de modo passivo” (KLEIMAN, 2004: 36), ao usar o seu conhecimento de mundo interage com a informação nele contida, buscando chegar a uma compreensão. Para Soares (2000):

Leitura não é esse ato solitário; é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros. (p.18).

Vivenciar a leitura para essas mulheres é abrir a porta ao desconhecido, sem medo do porvir. A narrativa de D. Anita, que se tornou professora com a pouca, mas significativa instrução, e a dificuldade que sinaliza D. Enóia para chegar a escola demonstra a satisfação de ambas em compartilhar esse conhecimento com os demais, impregnando nos registros das suas histórias, a importância que tem a leitura em suas vidas.

Sra. Enóia: MULHER:::: ler é muito importante, porque::::... quem não sabe ler é cego. É CEGO..É:::: Acho que é até pior que um cegoporque::: tem cego que:..... entra numa escola e aprende ((o tom de voz nesta frase é modificado)).....é:::Escrever é a mesma coisa... eu faço minhas coisas assim num peço ninguém pra assinar.... antigamente era.. eu BOTAVA O DEDO... e ti::a.. se for num resolver uma coisa era os minino que tinha que ir... agora eu resolvo minhas coisas tudo... outra coisa que eu não sou também:: se eu for num lugar resolver alguma coisa NINGUÉM TENTE ME ENROLAR, eu.... num dô moleza também... num assino nada sem ler... eu vou pegar uma coisa pra mim assinar, eu não sei se alguém ta mandando eu assinar pra manda alguém me matar... num sou eu não...

D. Anita: Ler é a coisa importante na minha vida, na nossa vida, porque sem o estudo nós não somos ninguém, nós não somos nada na nossa vida. **Quem não sabe ler é um cego.** Porque antigamente você ainda dirigia alguma coisa sem saber ler, e hoje, depende de tudo, de tudo você tem que saber ler; porque quem sabe ler tem tudo na vida. Hoje até para varrer rua tem concurso e se você não souber ler você não vai fazer o concurso. **Quem não sabe ler é um cego.**

Sra. Maria (41): Pra mim a leitura significa muito... MUITO mesmo... que eu acho que::: pra quem não sabe LER carrega a MORTE com as próprias mãos. É::: eu acho... a pessoa que não sabe a ler.. claro ... a senhora sabe a ler... as vezes se a senhora tem que fazer uma maldade ou comigo ou com qualquer a senhora me dá uma intimidação... senhora ô Dona Maria leva essa intimidação entrega lá a seu João ((indignada faz um xingamento - #..# ???))...eu tô levando, tô trazendo um papel pra da uma pessoa que eu não sei nem o que é que SIGNIFICA... se é uma coisa que vai fazer bem a ele ou se vai fazer o mal...então eu acho que a leitura é muito importante... ler é importante... EM TUDO POR TUDO... em tudo por tudo...

As palavras são fortes, carregadas de sentimentos e expressam, muito mais que palavras, a condição de vida dessas mulheres ribeirinhas ao obterem o conhecimento da leitura. Dizer que quem não lê é cego, não é o mesmo que ser deficiente visual. A sabedoria, a visão de mundo ampliada de D. Enóia nos permite entender a diferença entre essas cegueiras e o lugar de destaque que a escola possui para ela.

A fala de D. Maria reforça a importância de participar do mundo grafocêntrico não como espectadora, mas protagonista, aquela que aumenta gradativamente o seu nível de aprendizagem, levando a uma maior comunicação com o mundo e dando espaço a conquistas futuras.

Nas falas que se seguiram, percebemos que o encontro com a escola foi mais que o alfabetizar para essas mulheres, que o letramento se faz presente e crescente nas suas práticas e no desejo de continuidade de escolarização, promovendo a si e ao grupo uma mudança identitária significativa. Sem dúvida, “lê-se para entender o mundo, para viver melhor” (LAJOLO, 2002:10) e, nessa perspectiva, as águas seguem, o barco busca um novo curso e logo chegará à outra margem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do que mães ou donas de casa, as mulheres ribeirinhas de Xique-Xique permitiram-se (re)construir do seu conhecimento, através de seu retorno ou entrada na escola, fazendo deste momento um espaço para transformação social e pessoal. Aprender a ler e escrever sempre fez parte do desejo dessas mulheres e viver o letramento, em sua intensidade, propiciou mais do que imaginavam, posto ter contribuído para a quebra da exclusão e o rompimento do silêncio que por muito tempo fez parte de suas vidas.

As vozes antes silenciadas, agora ecoam sem grandes receios. Ler as palavras para complementar a leitura de mundo dá às mulheres ribeirinhas pescadoras a oportunidade de desvendar o mundo à sua volta, de (re)construir o cenário e apresentar novas performances diante do texto e do outro.

Percorrer as trilhas narradas dessas histórias de leitura nos leva a considerar os sujeitos nas suas particularidades: mulheres, pertencentes a camadas populares, jovens e adultas, pescadoras, leitoras e aprendizes. Nesse novo quadro, o processo educativo vivido por esses sujeitos, possibilita também, a equidade entre os gêneros, provocando inicialmente um desequilíbrio nas relações sociais, pela quebra dos ideais falocêntricos, que aos poucos vão dando lugar a um olhar mais holístico.

É preciso tornar as expectativas que levam essas mulheres a irem para escola em sentimento de renascimento, dando oportunidade para que inaugurem novas relações com o mundo, que façam do aprendizado da leitura e da escrita uma prática constante em suas vidas, que se efetive a prática do letramento.

É preciso ainda que se ampliem o poder da leitura, sendo capaz de dar novos significados à realidade vivida, de compreender a multiplicidade de sentido de um, de perceber que “leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1982:11). Fazer esta relação é abrir a porta para o desconhecido e se permitir viajar, navegar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA. Maria Lúcia Silva. Sujeitos não-alfabetizados: sujeitos de direitos, necessidades e desejos. In: SOARES, Leôncio (Org.). **Aprendendo com a**

diferença: estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FAGUNDES, Tereza C. P. Carvalho. **Mulher e Pedagogia:** um vínculo re-significado. Salvador: Helvécia, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor:** aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 9. ed., 2004.

LOPES, Luiz Paulo da Moita (Org.). Socioconstrucionismo: discurso e identidade social. *In: **Discursos de identidades:** discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003;

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. Igualdade e especificidade. *In: **História da cidadania***. São Paulo: Contexto, 2003.

ROCHA-COUTINHO, [Maria Lúcia](#). Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. *Temas de Psicologia da SBP*, vol.12, no.1, p.2-17, 2000. Disponível em: http://www.sbponline.org.br/revista2/vol12n1/art01_t.pdf. Acesso em: 10.08.2010.

ROJO, Roxane (org.). **Alfabetização e letramento:** perspectivas lingüísticas. Campinas, SP: mercado de Letras, 1998.

SOARES, M. **As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto**. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Org.). *Leitura: perspectivas disciplinares*. São Paulo: Ed. Ática, 2000. p. 18-29.

_____. **Letramento:** um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.